



DIFAMAR. UMA ARMA DE DOIS GUMES

"Morte e difamação todos têm que sofrer."

Provérbio alemão

Difamar pode ser entendido como o a tentativa de afectar alguém moralmente de maneira negativa, pôr em causa a fama de alguém ou mentir acerca de factos, segundo uma definição de um dicionário.

Muito recentemente um amigo meu foi alvo de um covarde ataque, tão comum hoje em dia e que me deixou obviamente entristecido, mas não surpreso, pois estou consciente que, hoje mais que nunca, vivemos tempos de cobardia, onde ela se tornou um padrão de acção, protegida por leis que incentivam a denuncia e a falta de escrúpulos e de verdade, pois é assim que se promovem aqueles que na vida mais não são que parasitas. Qualquer um de nós pode ser alvo destes processos e, mais cedo ou mais tarde, eles baterão à porta. Há formas de tentar minimizar isto, através de low-profiles, documentar bem o que fazemos, evitar questões que nada trazem de bom e falar só sobre o que é verdadeiramente importante, porque não temos de ter opinião sobre tudo e às vezes é melhor que a nossa opinião, seja bem ponderada e fique guardada no bolso das nossas calças para um momento adequado. Nós opinamos com demasiada frequência e pelas coisas mais desnecessárias e, às vezes, sem o devido conhecimento de causa. Mas mesmo estes cuidados não são suficientes.

Entendamos que só se pode difamar quando há pessoas que sejam susceptíveis a aceitar a difamação, portanto pode haver também dos outros, que não o difamador, responsabilidade na propagação do mal, se não houver cautela e seriedade. O fogo só se propaga quando a palha abunda. Qualquer um que não emprenhe pelos ouvidos, quando ouve ou lê algo sobre algo ou alguém, deve investigar se aquilo que ouviu tem em si algo de minimamente credível e nunca vindo de fontes anónimas, porque se é anónimo deve ser colocado logo no "caixote de lixo". Hoje com os recursos de comunicação existente, nomeadamente com as redes sociais, e face à mediocridade que abunda nelas, é fácil a qualquer covarde, invejoso, psicopata ou mentiroso patológico proceder à tentativa de difamação de alguém. Recordo que a primeira vez que iniciei ou projecto de trabalho com jovens surgiram na internet, em alguns fóruns, todo o tipo de comentários sobre o projecto que iam desde a simples estupidez bovina e desprovida de qualquer sentido até à mentira tão flagrante que outros, mesmo sem me conhecerem reconheceram nos "posts" a maldade e reagiram. Que fiz eu? Não reagi às questões a não ser com um comentário a manifestar a minha tristeza pelas mentiras e desejando as melhoras rápidas a quem estava vomitando tanto veneno, depois remeti-me ao silêncio pois seria tempo e energia gastas desnecessariamente com pessoas que não mentem por erro mas por defeito de carácter.

Quanto maior for a nossa exposição pública tanto maior é a probabilidade de se ser alvo deste tipo de "ataques" e, volto a salientar, seriam ataques se houvesse a honestidade e a coragem de assumirem publicamente o que dizem, mas como tal não é feito, são só pedras atiradas à distância e na protecção de uma moita que os possa ocultar. A mentira, a dissimulação, a contra-informação, a espionagem e o engano existem porque há terreno fértil para eles serem eficientes e se são usados por estratégias, eles não são o fim em si mas, somente um meio, ao contrário daquilo que o difamador faz pois ele nunca



terá a coragem de dar a cara no momento da “verdade”, e não o faz para melhorar uma situação ou para tentar lidar com inferioridade de forças, mas pelo prazer de fazer mal.

Há que entender que o meio das artes marciais é um meio fértil para este tipo de situações (por razões de ordem sociológica, histórica e psicológica), se bem que, em qualquer lugar podemos encontrar este tipo de ocorrências, como no emprego, no seio dos “amigos” e, até na família. Que Deus nos livre dos nossos inimigos mas principalmente dos falsos “amigos” pois eles são aqueles que mais facilmente estão perto para nos apunhalarem pelo escuro e nas costas. Em conversa com uma pessoa amiga uns tempos atrás ele dizia-me: - Luis ... esta área é a que atrai mais malucos!

Sempre me ensinaram, que o elemento fulcral na relação, em um papel de dirigente de uma Koryu era, não a amizade, pois ela é uma relação de afectos e portanto passível de ser afectada pelas emoções mas, o respeito. Não devemos ter amigos, quando desempenhamos algumas funções mas ter relações baseadas no respeito. Mesmo a relação senpai/kohai devia ser ausente de amizade, como elemento base do trabalho, pois antes de mais é o respeito e, as atitudes que daí provêm, que alimentam um relacionamento saudável e produtivo para ambas as partes. Só assim se explica que pessoas de ideias tão diversificadas possam aprender e trabalhar em conjunto.

Todo aquele que der a cara vai estar sujeito, pelas boas, e pelas más razões, a que falem de si. Não podemos, nem devemos carregar fardos que nos queiram colocar nas costas, porque senão seremos marionetas da vontade estúpida ou perversa de alguns.

Segue-se uma história. Note que ela é uma história e não uma um facto real ... Não venham depois dizer que eu disse que isto deu no Telejornal ...

DE QUEM É O PRESENTE?

Perto de Tóquio vivia um grande samurai idoso que agora se dedicava a ensinar o zen aos jovens. Apesar de sua idade, corria a lenda de que ainda era capaz de derrotar qualquer adversário. Certa tarde, um guerreiro conhecido por sua total falta de escrúpulos apareceu por ali. Era famoso por utilizar a técnica da provocação: esperava que seu adversário fizesse o primeiro movimento e, dotado de uma inteligência privilegiada para reparar os erros cometidos, contra-atacava com velocidade fulminante. O jovem e impaciente guerreiro jamais havia perdido uma luta. Conhecendo a reputação do samurai, estava ali para derrotá-lo, e aumentar sua fama. Todos os estudantes se manifestaram contra a ideia, mas o velho aceitou o desafio. Foram todos para a praça da cidade, e o jovem começou a insultar o velho mestre. Chutou algumas pedras em sua direcção, cuspiu em seu rosto, gritou todos os insultos conhecidos, ofendendo inclusive seus ancestrais. Durante horas fez tudo para provocá-lo, mas o velho permaneceu impassível. No final da tarde, sentindo-se já exausto e humilhado, o impetuoso guerreiro retirou-se.

Desapontados pelo fato de que o mestre aceitar tantos insultos e provocações, os alunos perguntaram: - Como o senhor pode suportar tanta indignidade? Por que não usou sua espada, mesmo sabendo que podia perder a luta, ao invés de mostrar-se covarde diante de todos nós?



- *Se alguém chega até você com um presente, e você não o aceita, a quem pertence o presente?*
- *A quem tentou entregá-lo - respondeu um dos discípulos.*
- *O mesmo vale para a inveja, a raiva, e os insultos - disse o mestre - Quando não são aceitos, continuam pertencendo a quem os carregava consigo. A sua paz interior, depende exclusivamente de você. As pessoas não podem lhe tirar a calma, só se você permitir...*

Lisboa, 21 de Julho de 2014